Elise Milane



O corpo como máquina e equipamento: quais são os seus limites?

Mecanicorgânico: qual é o corpo que dança?

Por Mayariane Castro

O projeto Mecanicorgânico encerrou sua programação em Brasília com apresentações de dança contemporânea, atividades formativas e recursos de acessibilidade para os participantes na última semana.

Realizada com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC-DF), a iniciativa teve como eixo o espetáculo solo Sem Osso, interpretado pela bailarina Lívia Bennet e dirigido por Édi Oliveira, além de oficinas gratuitas de investigação corporal no Espaço Cartas, na Asa Norte.

As apresentações ocorreram no Teatro Engrenagem e registraram lotação máxima na estreia, com os 100 lugares ocupados. A segunda sessão também teve adesão do público.

A temporada, no entanto, foi interrompida após uma intercorrência física da intérprete durante a segunda apresentação. Diante da situação, a produção decidiu suspender as sessões seguintes e concentrar os esforços na realização das atividades formativas previstas no projeto.

Projeto promoveu apresentações e oficinas gratuitas para discutir acessibilidade

Limites do corpo

Após as apresentações, o público participou de rodas de conversa com os artistas. Os encontros abordaram questões relacionadas ao corpo, à vulnerabilidade, aos limites físicos e às possibilidades de expressão na dança contemporânea. A proposta foi compartilhar com os espectadores os processos de criação e os conceitos que orientaram a pesquisa artística desenvolvida ao longo de aproximadamente dez anos.

A programação formativa ocorreu no final de outubro, no Espaço Cartas. As oficinas gratuitas de dança e investigação corporal foram organizadas para proporcionar aos participantes experiências práticas relacionadas aos temas presentes em Sem Osso. Entre os assuntos trabalhados estavam os limites físicos, as possibilidades expressivas do movimento e outras formas de percepção e ocupação do próprio corpo.

As atividades também incorporaram medidas de acessibilidade. A tradução em Língua Brasileira de Sinais (Libras) esteve disponível nos três dias de oficina, enquanto a audiodescrição foi oferecida em dois deles. Inicialmente, os recursos estavam previstos para as duas últimas apresentações do espetáculo. Com a suspensão da temporada, a produção redirecionou parte dessa estrutura para as oficinas, mantendo a proposta de ampliar as condições de participação de pessoas com deficiência.

A estrategista de imagem e posicionamento Olívia Paixão, de 34 anos, participou das atividades e relatou como a experiência envolveu questões pessoais relacionadas à exposição e à expressão corporal.

"Lidei com meu julgamento interno, a sensação de 'ridículo', o desconhecido dos toques em meu corpo e no corpo do outro, e todos os atravessamentos que o improviso pode trazer. Foram dias de muita liberdade".

Frágil e forte: instrumentos de expressão

Oficinas e apresentações discutiram até onde vai o esqueleto como equipamento

Elise Milane



Lívia Bennet comandou espetáculos e oficinas

Sem Osso é um solo de dança contemporânea que investiga o corpo como instrumento de expressão e explora aspectos relacionados à organicidade, à vulnerabilidade e à ruptura com padrões habituais de movimento. A obra tem interpretação de Lívia Bennet e direção de Édi Oliveira.

A concepção inicial previa uma investigação sobre a relação entre corpo e novas tecnologias. Durante o desenvolvimento do trabalho, a proposta foi modificada e passou a se concentrar na presença física da intérprete.

O resultado é um espetáculo sem projeções ou vídeos, no qual o movimento e a relação do corpo com o espaço constituem os principais elementos da composição cênica.

A pesquisa também aborda a fragilidade, a perecibilidade e os limites da estrutura corporal. Em cena, quedas e movimentos que desafiam padrões convencionais são utilizados como possibilidades de transformação e reinvenção.

A obra dialoga com conceitos filosóficos relacionados ao corpo sem órgãos e questiona formas padronizadas de funcionamento e organização da corporeidade.

O processo de criação e viabilização do espetáculo levou cerca de dez anos. Nesse período, a produção passou por mudanças de planejamento, desencontros de agenda e etapas de amadurecimento artístico até chegar à realização pública. A montagem integra uma sequência de trabalhos desenvolvidos por Édi Oliveira entre 2024 e 2026, período em que o artista mantém uma investigação sobre dança contemporânea, corpo e processos de criação.

Pesquisa e criação

Além da apresentação artística, o Mecanicorgânico foi estruturado para aproximar o público dos processos de pesquisa e criação em dança.

As oficinas permitiram que os participantes experimentassem questões investigadas no espetáculo, enquanto as rodas de conversa estabeleceram espaços de discussão sobre os temas abordados em cena.

A incorporação de Libras e audiodescrição às atividades formativas também integrou a proposta de acessibilidade do projeto. A iniciativa buscou ampliar a participação nas experiências de dança e investigação corporal, considerando diferentes formas de percepção e interação.